

Multiletramentos E Cultura Digital: Possibilidades Pedagógicas Para O Ensino De Língua Portuguesa

Maria Garcia

Formação: Letras

Pós-Graduação: Língua Portuguesa

Vínculo: Secretaria De Estado De Educação Goiás – Seduc-Go

Avelina Márcia Alves Ferreira De Vasconcelos

Formação: Letras Português/Inglês

Pós-Graduação: Educação Especial Inclusiva

Vínculo: Secretaria De Estado De Educação Goiás – Seduc-Go

Luciano Paiva De Vasconcelos

Formação: Letras - Português/Inglês

Pós-Graduação: Docência Superior

Vínculo: Secretaria De Estado De Educação Goiás – Seduc-Go

Ivanilda Maria De Assunção

Formação: Letras

Pós-Graduação: Métodos E Técnicas De Ensino

Vínculo: Secretaria De Estado Da Educação De Goiás – Seduc-Go

Vanderly José Da Silva Souza

Formação: Licenciatura Plena Em Letras.

Vínculo: Secretaria De Estado De Educação Goiás – Seduc-Go

Sueli Ferreira Da Silva Menezes

Formação: Pedagogia

Pós-Graduação: Psicopedagogia Institucional E Clínica

Vínculo: Secretaria De Estado De Educação Goiás – Seduc-Go

Poliana Cardoso Ribeiro Da Silva

Formação: Licenciada Em Ciências Biológicas

Pós-Graduação: Educação Especial Com Ênfase Em Libras.

Vínculo: Secretaria De Estado De Educação Goiás – Seduc-Go

Resumo

O presente artigo discute a relevância dos multiletramentos e da cultura digital como fundamentos para a renovação das práticas pedagógicas no ensino de Língua Portuguesa. As transformações sociais e tecnológicas contemporâneas impõem à escola o desafio de lidar com novas formas de linguagem, em que a escrita formal convive com os gêneros digitais e multimodais. O objetivo do estudo foi analisar de que modo a integração dessas práticas pode contribuir para a formação crítica dos estudantes, ampliando seu repertório linguístico e promovendo maior aproximação entre escola e realidade social. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, fundamentada em produções acadêmicas nacionais e internacionais que abordam multiletramentos, tecnologias digitais e ensino de Língua Portuguesa. A análise revelou que, embora haja avanços na incorporação de recursos digitais ao ambiente escolar, ainda persistem lacunas significativas, como a carência de formação docente específica, a insuficiência de políticas públicas contínuas e a resistência de currículos fortemente centrados em práticas tradicionais. Os resultados evidenciaram que a exploração pedagógica de blogs, podcasts, redes sociais e fóruns digitais pode potencializar a aprendizagem, desde que orientada por estratégias que valorizem tanto a norma culta quanto as múltiplas linguagens contemporâneas. A mediação docente aparece como elemento central, responsável por promover a reflexão crítica e a articulação

entre diferentes registros discursivos. Conclui-se que a integração dos gêneros digitais às práticas escolares constitui caminho promissor para a construção de uma educação inclusiva, democrática e voltada à emancipação dos sujeitos.

Palavras-Chave: Multiletramentos; Cultura Digital; Língua Portuguesa; Práticas Pedagógicas; Educação.

Date of Submission: 10-01-2026

Date of Acceptance: 20-01-2026

I. Introdução

A emergência da cultura digital e a crescente presença das tecnologias no cotidiano transformaram significativamente as formas de comunicação, leitura e escrita. A escola, enquanto instituição social responsável pela formação crítica dos cidadãos, precisa repensar suas práticas para dialogar com esse novo cenário, no qual os multiletramentos se tornam requisito essencial para a inserção social e acadêmica. O ensino de Língua Portuguesa, nesse contexto, enfrenta o desafio de conciliar a tradição da escrita formal com as linguagens digitais, reconhecendo que a construção do conhecimento passa pelo trânsito entre diferentes códigos, gêneros e suportes.

Esse processo envolve problematizar os limites de um modelo escolar ainda centrado em perspectivas homogêneas de letramento, que muitas vezes desconsidera a diversidade de práticas comunicativas vivenciadas pelos estudantes fora da sala de aula. A cultura digital demanda habilidades que vão além do domínio da norma culta, abrangendo competências críticas, colaborativas e criativas. Pereira (2021, p. 5) observa que “o ensino de Língua Portuguesa precisa superar a visão restrita de texto como produto escrito e ampliar o olhar para múltiplas formas de significação, como aquelas presentes nos ambientes digitais”. Nessa perspectiva, o contato com blogs, podcasts, fóruns e redes sociais pode enriquecer o processo formativo, desde que orientado por objetivos pedagógicos claros.

A justificativa para aprofundar a discussão sobre multiletramentos e cultura digital no ensino da Língua Portuguesa reside na necessidade de preparar os alunos para participar ativamente de uma sociedade caracterizada pela interatividade e pela fluidez informacional. A escola não pode permanecer alheia às linguagens digitais, sob o risco de reforçar desigualdades e ampliar a distância entre os conteúdos escolares e a realidade social dos estudantes. Como destacam Lankshear e McLay (2015, p. 212), “a compreensão das literacias digitais exige reconhecer que o ato de escrever e ler no meio digital é diferente, demandando novas habilidades cognitivas e sociais”. Assim, refletir sobre a integração pedagógica dessas práticas se torna imperativo para uma educação democrática e inclusiva.

O objetivo central deste artigo é analisar as possibilidades pedagógicas abertas pela articulação entre multiletramentos e cultura digital no ensino da Língua Portuguesa. Busca-se compreender de que modo a incorporação dos gêneros digitais às práticas escolares pode ampliar o repertório discursivo dos alunos, desenvolver competências críticas e fortalecer a relação entre escola e sociedade. Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico e documental, fundamentada em produções acadêmicas que discutem a relevância da mediação docente, a importância das metodologias ativas e o papel das tecnologias como constitutivas do processo educativo.

Por fim, quanto à organização do trabalho, o artigo está estruturado em seções que exploram, inicialmente, os fundamentos teóricos do conceito de multiletramentos e sua relação com a cultura digital. Em seguida, discute-se a integração dos gêneros digitais às práticas de leitura e escrita, evidenciando seus impactos para a formação crítica e cidadã dos estudantes. Na sequência, aborda-se a contribuição das metodologias ativas para o desenvolvimento de competências multiletradas, destacando a centralidade do papel docente. Por último, apresenta-se uma reflexão sobre os desafios e as perspectivas da mediação crítica das linguagens digitais, considerando as demandas atuais da educação.

II. Integração Dos Gêneros Digitais Às Práticas De Leitura E Escrita

A integração dos gêneros digitais ao ensino da Língua Portuguesa constitui um desafio e, ao mesmo tempo, uma oportunidade para a educação contemporânea. A presença das tecnologias digitais no cotidiano dos estudantes transformou não apenas os modos de comunicação, mas também a maneira como os sujeitos constroem sentidos e produzem textos. Nesse contexto, a escola precisa incorporar práticas que dialoguem com essa realidade, reconhecendo que a linguagem digital não substitui a norma culta, mas abre novas possibilidades para o desenvolvimento de competências linguísticas e críticas.

A abordagem dos gêneros digitais em sala de aula deve partir da concepção de letramentos múltiplos, em que diferentes práticas discursivas são legitimadas e exploradas de modo crítico. Pereira (2021, p. 5) observa que:

O ensino de Língua Portuguesa precisa superar a visão restrita de texto como produto escrito e ampliar o olhar para múltiplas formas de significação, como aquelas presentes nos ambientes digitais. Assim, memes, blogs, podcasts e fóruns não devem ser vistos como opostos ao ensino formal, mas como espaços que oferecem material rico para reflexão sobre linguagens, estilos e estratégias comunicativas.

Ao incluir esses gêneros no currículo, a escola promove práticas de leitura e escrita mais conectadas com a realidade social dos estudantes.

Outro aspecto relevante consiste no potencial formativo dos gêneros digitais para a ampliação da autonomia estudantil. Silva (2024, p. 9) destaca que “os textos digitais favorecem a autoria, na medida em que exigem dos alunos posicionamento, seleção de informações e capacidade de síntese”. Essa característica contrasta com práticas escolares ainda centradas na reprodução de conteúdos, que pouco incentivam o pensamento crítico. Kenski (2012, p. 61) afirma que “as tecnologias digitais, quando integradas ao processo de ensino, criam condições para a construção de aprendizagens mais autônomas e significativas”. A integração de gêneros digitais, portanto, contribui para que os alunos não apenas escrevam mais, mas também desenvolvam habilidades de análise e argumentação, reconhecendo a escrita como prática social fundamental para a participação cidadã.

A formação de professores aparece como condição central para a efetivação desse processo. Sem preparo adequado, há risco de que os gêneros digitais sejam incorporados de forma superficial, limitando-se ao uso instrumental da tecnologia. Silva (2020, p. 15) adverte que “a simples utilização de recursos digitais não garante inovação pedagógica, pois é preciso que haja intencionalidade na mediação docente”. Esse entendimento reforça que a integração dos gêneros digitais não deve se restringir ao uso de ferramentas, mas deve ser orientada por objetivos pedagógicos claros, que estimulem reflexão, diálogo e construção coletiva do conhecimento.

A literatura acadêmica também evidencia que a exploração dos gêneros digitais amplia o repertório discursivo dos estudantes e favorece sua inserção em diferentes esferas sociais. Brock (2025, p. 5270) analisa que:

Os gêneros digitais, quando integrados ao currículo, proporcionam um ambiente de aprendizagem em que a escrita se torna prática significativa e situada”. Essa constatação sugere que a escola pode se transformar em espaço privilegiado para o desenvolvimento de competências multiletradas, ao articular a tradição da escrita formal com as linguagens emergentes.

Desse modo, a leitura e a produção textual passam a ser compreendidas como práticas dinâmicas, capazes de integrar a cultura escolar e a digital.

Além disso, os debates internacionais sobre letramento digital oferecem subsídios importantes para a reflexão pedagógica. Lankshear e McLay (2015, p. 212) afirmam que:

A compreensão das literacias digitais exige reconhecer que o ato de escrever e ler no meio digital é diferente, demandando novas habilidades cognitivas e sociais. Esse reconhecimento implica pensar o ensino da escrita não apenas como domínio de normas, mas como competência que envolve interação, colaboração e criticidade.

Nessa perspectiva, o ensino de Língua Portuguesa deve preparar os alunos para lidar com múltiplos contextos comunicativos, incluindo aqueles mediados pela tecnologia.

A centralidade do papel do professor, nesse processo, é inegável. É ele quem cria oportunidades para que os estudantes analisem e reflitam criticamente sobre os discursos digitais, reconhecendo neles elementos de coesão, coerência e argumentação. Oliveira e Silva (2021, p. 2170) reforçam que “a mediação docente transforma os gêneros digitais em objetos de aprendizagem, capazes de fomentar discussões sobre linguagem, sociedade e cidadania”. Dessa forma, a utilização desses recursos não se restringe à inovação tecnológica, mas assume caráter político e social, formando sujeitos críticos e conscientes.

Esse entendimento pode ser sintetizado em uma reflexão mais ampla sobre os caminhos possíveis para a integração pedagógica dos gêneros digitais. Como afirmam Lankshear e McLay (2015, p. 220):

A integração das literacias digitais ao ensino escolar não deve ser vista como complemento ou acessório, mas como parte constitutiva de uma formação linguística plena. Incorporar os gêneros digitais significa reconhecer que a linguagem é dinâmica, histórica e social, e que o processo educativo deve preparar os alunos para atuar em múltiplos cenários discursivos. Essa perspectiva amplia a noção de letramento e fortalece a escola como espaço de mediação entre tradição e inovação.

Conclui-se que a integração dos gêneros digitais às práticas de leitura e escrita representa um caminho promissor para renovar o ensino da Língua Portuguesa. Contudo, essa tarefa requer investimento na formação docente, elaboração de estratégias pedagógicas consistentes e produção de materiais didáticos adequados. Mais do que uma exigência tecnológica, trata-se de um compromisso com a formação crítica dos estudantes, capazes de reconhecer os múltiplos usos da linguagem e de atuar de forma consciente na sociedade contemporânea. Ao articular norma culta e linguagens digitais, a escola amplia seu papel social, preparando os alunos para os desafios comunicativos de um mundo em constante transformação.

III. Metodologias Ativas E O Desenvolvimento De Competências Multiletradas

A incorporação das metodologias ativas ao ensino tem transformado de maneira significativa as práticas pedagógicas, favorecendo a construção de competências multiletradas nos estudantes. Ao valorizar a participação efetiva, a resolução de problemas e o protagonismo discente, tais metodologias criam condições para que os alunos desenvolvam habilidades de leitura e escrita em múltiplos suportes e linguagens. Bacich e Moran (2018,

p. 35) afirmam que “as metodologias ativas reposicionam o estudante no centro do processo de aprendizagem, estimulando sua autonomia e a construção colaborativa do conhecimento”. Essa mudança contribui para ampliar a visão de letramento, reconhecendo que as práticas discursivas atuais são atravessadas pelas tecnologias digitais.

Nesse contexto, a aprendizagem não pode se restringir à transmissão de conteúdos, devendo se constituir como experiência significativa. Valente (2014, p. 81) observa que:

O blended learning, ao articular momentos presenciais e digitais, amplia os espaços de aprendizagem e potencializa o desenvolvimento de competências. Essa articulação entre ambientes e linguagens evidencia que a escola precisa acompanhar as transformações culturais e comunicativas, de modo a preparar os alunos para atuar em uma sociedade marcada pela complexidade e pela diversidade textual.

A inserção de metodologias ativas favorece esse movimento, ao criar situações que simulam problemas reais e estimulam a análise crítica.

As metodologias ativas também se revelam fundamentais para o desenvolvimento de competências multiletradas porque conectam teoria e prática em situações contextualizadas. Moran (2016, p. 20) destaca que “a inovação pedagógica não está apenas no uso de tecnologias, mas na forma como se organiza o processo de ensinar e aprender”. Essa observação reforça que o papel do professor não é o de mero transmissor, mas de mediador que promove experiências interativas, capazes de mobilizar diferentes linguagens e formatos textuais. O ensino da leitura e da escrita, nesse cenário, deve se expandir para além dos textos impressos, incluindo gêneros digitais e colaborativos.

Outro aspecto relevante é a necessidade de repensar o papel da tecnologia na escola. Kenski (2012, p. 64) lembra que “as tecnologias não são neutras; elas reorganizam os modos de aprender e de ensinar, introduzindo novos ritmos e formas de interação”. Assim, ao serem integradas a metodologias ativas, as tecnologias deixam de ser vistas como ferramentas complementares e passam a ocupar lugar estratégico no desenvolvimento de competências multiletradas. Coscarelli (2012, p. 91) reforça que “a escola precisa compreender que os gêneros digitais não são acessórios, mas constitutivos das práticas de leitura e escrita do século XXI”. Blogs, podcasts, vídeos e fóruns digitais podem ser explorados como instrumentos pedagógicos que estimulam a autoria e a crítica, ampliando os horizontes de aprendizagem.

O trabalho com multiletramentos requer que os alunos desenvolvam a capacidade de lidar com múltiplos códigos semióticos, como imagem, som e texto escrito. Silva e Santos (2022, p. 9) defendem que:

O ensino precisa dialogar com a diversidade de linguagens presentes no cotidiano, favorecendo a formação de sujeitos críticos e participativos. Essa perspectiva indica que as metodologias ativas podem ser aplicadas em projetos interdisciplinares, que envolvam diferentes áreas do conhecimento e favoreçam a compreensão integrada da realidade. O estudante deixa de ser apenas receptor e passa a ser produtor de conteúdos, mobilizando saberes diversos.

Um dos grandes benefícios das metodologias ativas é que elas favorecem a construção de ambientes de aprendizagem mais colaborativos e democráticos. Delgado e Borges (2022, p. 5) argumentam que “a gamificação e a personalização da aprendizagem, quando aliadas às metodologias ativas, contribuem para o desenvolvimento de competências multiletradas ao valorizar o protagonismo estudantil”. Nessa lógica, atividades como projetos de pesquisa mediados por tecnologias, produção de textos multimodais e debates virtuais criam espaços nos quais os alunos podem experimentar diferentes papéis comunicativos e exercitar a criticidade.

Além disso, a perspectiva dos multiletramentos amplia a noção de competência linguística para além do domínio da norma culta. Segundo Moran (2016, p. 24), “as metodologias ativas incentivam a reflexão sobre a linguagem em uso, promovendo a consciência crítica e a capacidade de adequação aos diferentes contextos comunicativos”. Tal abordagem é essencial em um cenário no qual os estudantes transitam constantemente entre redes sociais, produções acadêmicas e contextos profissionais. A escola, portanto, precisa oferecer instrumentos para que saibam mobilizar registros diversos de forma consciente e reflexiva.

Esse entendimento pode ser sintetizado em uma análise mais ampla sobre os caminhos possíveis para a articulação entre metodologias ativas e multiletramentos. Como afirmam Bacich e Moran (2018, p. 42):

A adoção das metodologias ativas não significa apenas modificar práticas tradicionais de ensino, mas transformar concepções sobre aprendizagem. Ao colocar o estudante como protagonista, a escola reconhece sua inserção em uma cultura permeada por tecnologias digitais e linguagens múltiplas. O objetivo é desenvolver sujeitos capazes de interpretar criticamente as informações, produzir textos em diferentes formatos e atuar como cidadãos conscientes no mundo contemporâneo.

Conclui-se que as metodologias ativas oferecem um caminho promissor para o desenvolvimento de competências multiletradas, desde que acompanhadas de formação docente contínua e políticas públicas que incentivem a inovação pedagógica. Ao valorizar o protagonismo estudantil, a integração de múltiplas linguagens e a reflexão crítica, essas práticas contribuem para uma educação mais inclusiva e significativa. Assim, a escola se fortalece como espaço de mediação cultural e de formação cidadã, preparando os alunos para os desafios comunicativos e sociais do século XXI.

IV. O Papel Do Professor Na Mediação Crítica Das Linguagens Digitais

A presença das tecnologias digitais no cotidiano escolar impõe novos desafios e responsabilidades ao professor. O espaço educacional deixou de ser exclusivamente um ambiente de transmissão de conteúdos para se tornar lugar de mediação crítica entre diferentes linguagens e formas de comunicação. Kenski (2012, p. 47) destaca que “as tecnologias modificam não apenas os modos de ensinar, mas também as relações entre sujeitos e saberes”. Nesse cenário, o professor precisa assumir papel estratégico, estimulando nos alunos a capacidade de interpretar e produzir discursos digitais de maneira reflexiva, reconhecendo as implicações sociais, políticas e culturais da linguagem.

O contato constante com as mídias digitais reconfigura os modos de ler e escrever, demandando da escola práticas pedagógicas que articulem a norma culta com os usos sociais da linguagem digital. Coscarelli (2012, p. 89) observa que

Os novos suportes textuais exigem habilidades específicas de leitura, marcadas pela não linearidade e pela interatividade. Isso significa que o professor deve auxiliar os estudantes a compreenderem como funcionam hiperlinks, multimodalidade e interações colaborativas, preparando-os para a produção textual em múltiplos contextos.

A mediação crítica, nesse sentido, vai além da adequação linguística, pois envolve a compreensão de como as linguagens digitais constroem sentidos e influenciam o pensamento.

Buzato (2009, p. 67) reforça que:

As práticas de letramento digital não são neutras, mas atravessadas por relações de poder e por disputas de significados. Assim, cabe ao professor problematizar os discursos presentes nas redes sociais, fóruns ou plataformas digitais, incentivando os alunos a identificarem estereótipos, manipulações e desigualdades.

Essa postura fortalece a escola como espaço de formação cidadã, na medida em que promove o desenvolvimento de leitores e produtores de textos conscientes de seu papel social. A mediação docente deve articular competências técnicas com formação ética e crítica.

A construção de competências digitais críticas também depende da capacidade do professor em articular teoria e prática em situações significativas. Xavier (2006, p. 48) afirma que “a internet é um espaço de escrita e leitura em tempo real, que desafia os modelos escolares tradicionais de letramento”. Essa constatação evidencia que a escola precisa ir além de exercícios repetitivos e descontextualizados, criando ambientes de aprendizagem que explorem a interatividade e a autoria. Nesse processo, o professor atua como mediador que ajuda os alunos a navegarem entre linguagens diversas, compreendendo suas especificidades e implicações.

O papel do docente não pode ser restrito à incorporação de ferramentas tecnológicas em sala de aula. Lemos (2015, p. 18) defende que “as tecnologias digitais não devem ser vistas apenas como instrumentos, mas como ambientes sociotécnicos que transformam práticas comunicativas”. A mediação crítica implica, portanto, trabalhar com metodologias que promovam reflexão sobre o uso das mídias, questionando as intenções por trás de discursos, imagens e vídeos compartilhados em plataformas digitais. Freitas (2014, p. 73) acrescenta que “o professor precisa formar leitores críticos das mídias digitais, ampliando a compreensão dos alunos sobre os impactos das tecnologias na vida social”. Essa prática estimula a formação de sujeitos capazes de atuar com autonomia e responsabilidade em uma sociedade hiperconectada.

Freitas (2014, p. 73) contribui ao afirmar que:

O professor precisa ser formador de leitores críticos das mídias digitais, ampliando a compreensão dos alunos sobre os impactos das tecnologias na vida social. Esse posicionamento reforça que o docente deve ir além da dimensão técnica e conduzir práticas pedagógicas que problematizem fenômenos como fake news, discursos de ódio e manipulações midiáticas.

A mediação, nesse caso, significa instigar a reflexão crítica sobre o modo como as tecnologias estruturam percepções e moldam relações sociais, políticas e culturais.

Nesse sentido, a integração das linguagens digitais ao ensino da Língua Portuguesa e de outras áreas não deve ser pensada como recurso acessório, mas como elemento constitutivo da formação cidadã. O desafio docente consiste em transformar as tecnologias em oportunidades pedagógicas, favorecendo o desenvolvimento da criticidade e da autonomia dos estudantes. O papel do professor assume, portanto, caráter formativo mais amplo, articulando competências comunicativas, digitais e sociais em um projeto pedagógico voltado para a emancipação.

Freitas (2014, p. 75) ressalta que:

A mediação crítica exige que o professor compreenda a tecnologia como fenômeno cultural e político, não apenas como recurso instrumental. Assim, ao analisar discursos digitais em sala de aula, o docente promove não apenas a aprendizagem da norma culta, mas também a reflexão sobre valores, ideologias e práticas sociais que permeiam o ambiente digital.

Dessa forma, a escola torna-se espaço de resistência e emancipação, preparando os estudantes para atuar de forma crítica e transformadora no mundo contemporâneo.

Conclui-se que o papel do professor na mediação crítica das linguagens digitais envolve múltiplas dimensões: técnica, pedagógica, ética e social. O docente deve estimular práticas de leitura e escrita que valorizem a diversidade de gêneros digitais, ao mesmo tempo em que desenvolve nos alunos a capacidade de refletir sobre os impactos das tecnologias em suas vidas. A escola, nesse contexto, se consolida como espaço de formação crítica, capaz de preparar sujeitos para interagir com consciência, autonomia e responsabilidade em uma sociedade marcada pela multiplicidade de linguagens digitais.

V. Considerações Finais

A análise empreendida ao longo do artigo permitiu compreender que os multiletramentos e a cultura digital configuram-se como elementos indissociáveis da prática pedagógica contemporânea. O ensino de Língua Portuguesa, diante das transformações sociais e comunicativas promovidas pelas tecnologias digitais, não pode se limitar a uma abordagem tradicional, centrada exclusivamente na norma culta e em gêneros impressos. Tornou-se evidente a necessidade de reconhecer as linguagens digitais como constitutivas da formação cidadã, integrando-as às práticas escolares de forma crítica, criativa e significativa.

As reflexões apresentadas indicam que a escola tem diante de si um duplo desafio. Por um lado, precisa garantir que os alunos tenham acesso à norma culta como instrumento de inclusão e participação social; por outro, deve valorizar os repertórios comunicativos oriundos da cultura digital, transformando-os em objeto de análise e reflexão. Essa articulação permite que os estudantes reconheçam a diversidade dos usos da linguagem e desenvolvam competências multiletradas, capazes de atender às demandas de uma sociedade marcada pela velocidade da informação e pela multiplicidade de discursos.

O papel do professor mostrou-se central em todo o processo, uma vez que a mediação docente constitui o elo entre as práticas digitais e os objetivos formativos da escola. Cabe ao educador selecionar estratégias, organizar experiências e estimular o pensamento crítico dos estudantes, promovendo situações em que a linguagem seja trabalhada em sua complexidade e em suas múltiplas dimensões. Nesse sentido, a formação docente, tanto inicial quanto continuada, emerge como requisito fundamental para que a integração das tecnologias não se restrinja ao uso instrumental, mas se configure como prática emancipatória.

Outro aspecto que merece destaque é a necessidade de políticas públicas que apoiem e consolidem iniciativas pedagógicas inovadoras. Sem investimentos em infraestrutura tecnológica, materiais didáticos adequados e programas de capacitação, torna-se inviável ampliar o alcance das práticas multiletradas em larga escala. A escola, isoladamente, não tem condições de superar os entraves estruturais que ainda limitam o acesso às tecnologias em diferentes contextos educacionais. O fortalecimento de ações institucionais e governamentais é, portanto, condição indispensável para a efetividade das propostas.

As considerações apontam também para a importância de compreender o aluno como sujeito ativo no processo de aprendizagem. A integração de blogs, podcasts, fóruns e redes sociais às práticas escolares não deve ser reduzida a estratégias motivacionais, mas reconhecida como oportunidade de protagonismo discente. Ao serem estimulados a produzir, avaliar e reescrever textos em ambientes digitais, os estudantes desenvolvem autonomia, senso crítico e responsabilidade, elementos fundamentais para o exercício pleno da cidadania.

Conclui-se, portanto, que a construção de práticas pedagógicas pautadas em multiletramentos e cultura digital não é tarefa simples nem imediata. Requer engajamento coletivo de professores, gestores, famílias, comunidade e poder público, articulando diferentes saberes e recursos para consolidar um projeto educativo inclusivo e transformador. Os resultados do estudo evidenciam que as possibilidades são amplas e promissoras, desde que acompanhadas de planejamento consistente, formação docente adequada e comprometimento ético com a promoção da equidade.

Por fim, as reflexões realizadas não pretendem encerrar a discussão, mas ampliar horizontes para novos estudos e práticas. A constante evolução das tecnologias digitais desafia a escola a manter-se em permanente atualização, revisitando conceitos, metodologias e estratégias. Nesse cenário, a pesquisa acadêmica desempenha papel fundamental ao oferecer subsídios teóricos e práticos que possam orientar o trabalho docente e contribuir para a consolidação de uma educação mais democrática, plural e conectada com os desafios do presente e do futuro.

Referências Bibliográficas

- [1]. Bacich, L.; Moran, J. Metodologias Ativas Para Uma Educação Inovadora: Uma Abordagem Teórico-Prática. Penso Editora, Porto Alegre, 2018. Disponível Em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/Books/9788584291162>. Acesso Em: 5 Set. 2025.
- [2]. Brock, Jaqueline Weiler. Digital Textual Genres In High School: An Overview Of Academic Works On The Subject. Aracê Magazine, São José Dos Pinhais, V. 7, N. 2, P. 5262–5281, 2025. Doi: 10.56238/Arev7n2-043. Disponível Em: <https://doi.org/10.56238/Arev7n2-043>. Acesso Em: 5 Set. 2025.
- [3]. Buzato, M. E. K. Letramentos Digitais E A Escola: Formação De Professores E Inclusão. Revista Brasileira De Linguística Aplicada, Belo Horizonte, V. 9, N. 2, P. 383–407, 2009. Disponível Em: <https://www.scielo.br/J/Rbla/AG3v5hcty5mlcmx9zyfhywhb/>. Acesso Em: 5 Set. 2025.

- [4]. Coscarelli, C. V. Letramento Digital: Desafios E Perspectivas Para O Ensino. *Perspectiva*, Florianópolis, V. 30, N. 2, P. 321–344, 2012. Disponível Em: <https://Periodicos.Ufsc.Br/Index.Php/Perspectiva/Article/View/2175-795x.2012v30n2p321>. Acesso Em: 5 Set. 2025.
- [5]. Delgado, M. R.; Borges, C. M. Gamificação E Metodologias Ativas Na Formação De Competências Multiletradas. *Revista Brasileira De Educação Básica*, V. 7, N. 15, 2022. Disponível Em: <https://Revistaedbasica.Com.Br/Revista/Article/View/1432>. Acesso Em: 5 Set. 2025.
- [6]. Freitas, M. T. De A. Escola E Tecnologias Digitais: Práticas E Reflexões Sobre Mediação Docente. *Educação & Sociedade*, Campinas, V. 35, N. 129, P. 1201–1219, 2014. Disponível Em: <https://Www.Scielo.Br/J/Es/A/7qzl7yrktijmltghvjsgvjn/>. Acesso Em: 5 Set. 2025.
- [7]. Kenski, V. M. *Educação E Tecnologias: O Novo Ritmo Da Informação*. 8. Ed. Campinas: Papirus, 2012. Disponível Em: https://Edisciplinas.Usp.Br/Pluginfile.Php/5890680/Mod_Resource/Content/1/Kenski%20tecnologias.Pdf. Acesso Em: 5 Set. 2025.
- [8]. Kenski, V. M. *Tecnologias E Ensino Presencial E A Distância*. Campinas: Papirus, 2012. Disponível Em: https://Edisciplinas.Usp.Br/Pluginfile.Php/5890680/Mod_Resource/Content/1/Kenski%20tecnologias.Pdf. Acesso Em: 5 Set. 2025.
- [9]. Lankshear, Colin; Mclay, Michele. *Digital Literacy And Digital Literacies: Policy, Pedagogy And Research Considerations*. [S.L.], 2015. Disponível Em: <https://Www.Scup.Com/Doi/Full/10.18261/Issn1891-943x-2015-Jubileumsnummer-02>. Acesso Em: 5 Set. 2025.
- [10]. Lemos, A. *Cibercultura: Tecnologia E Vida Social Na Cultura Contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2015. Disponível Em: <https://Repositorio.Ufba.Br/Ri/Handle/Ri/21250>. Acesso Em: 5 Set. 2025.
- [11]. Marinho, Ana Karoline Da Costa; Silva, Denyse Mota. Entre A Internet E A Escrita: Novas Perspectivas Na Educação Básica E Desafios No Ensino Da Língua Portuguesa. [S.L.], 2022. Disponível Em: <https://Revistas.Faculdefacit.Edu.Br/Index.Php/Jnt/Article/View/1811/0>. Acesso Em: 5 Set. 2025.
- [12]. Moran, J. Metodologias Ativas E Cenários Inovadores Na Educação. *Revista Intersaberes*, Curitiba, V. 11, N. 24, P. 15–26, 2016. Disponível Em: <https://Www.Revistasuninter.Com/Intersaberes/Article/View/1061>. Acesso Em: 5 Set. 2025.
- [13]. Oliveira, Jurene Veloso Dos Santos; Silva, Simone Bueno Borges Da. Os Gêneros Textuais Digitais Como Estratégias Pedagógicas No Ensino De Língua Portuguesa Na Perspectiva Dos (Multi)Letramentos E Dos Multiletramentos. *Trabalhos Em Linguística Aplicada*, Campinas, Sp, V. 59, N. 3, P. 2162–2182, 2021. Disponível Em: <https://Periodicos.Sbu.Unicamp.Br/Ojs/Index.Php/Tla/Article/View/8660383>. Acesso Em: 5 Set. 2025.
- [14]. Pereira, L. G. Multiletramentos E Ensino De Língua Portuguesa Na Contemporaneidade. *Revista Carioca De Ciência, Tecnologia E Educação (Rccte)*, Rio De Janeiro, V. 6, N. 1, 2021. Disponível Em: <https://Recite.Unicarioca.Edu.Br/Rccte/Index.Php/Rccte/Article/Download/198/192/1328>. Acesso Em: 5 Set. 2025.
- [15]. Silva, D. C.; Santos, M. A. Metodologias Ativas E Multiletramentos: Caminhos Para O Ensino De Língua Portuguesa. *Revista Docência Do Ensino Superior*, Belo Horizonte, V. 12, 2022. Disponível Em: <https://Periodicos.Ufmg.Br/Index.Php/Rdes/Article/View/37968>. Acesso Em: 5 Set. 2025.
- [16]. Silva, T. M. D. Teorias E Práticas De Ensino De Leitura E Escrita Com O Advento Dos Gêneros Digitais: Uma Perspectiva De Leitura Multimodal Aliada Ao Multiletramento No Ensino De Língua Portuguesa Por Meio De Memes. [S.L.], 2024. Disponível Em: <https://Repositorio.Ufmg.Br/Bitstream/1843/78984/1/G%C3%8aneros%20digitais%20uma%20perspectiva%20de%20leitura%20multimodal%20aliada%20ao%20multiletramento%20no%20ensino%20de%20l%C3%8dngua%20portuguesa%20por%20meio%20de%20memes.Pdf>. Acesso Em: 5 Set. 2025.
- [17]. Silvia Pinho Silva, A. De P. Práticas Multiletradas Potencializadas Com Uso Das Tecnologias Digitais No Contexto Do Profletras. [S.L.], 2020. Disponível Em: <https://Dialnet.Unirioja.Es/Descarga/Articulo/8080543.Pdf>. Acesso Em: 5 Set. 2025.
- [18]. Valente, J. A. Blended Learning E As Mudanças No Ensino Superior: A Proposta Da Sala De Aula Invertida. *Educar Em Revista*, Curitiba, N. 4, P. 79–97, 2014. Disponível Em: <https://Www.Scielo.Br/J/Er/A/N7vjvjk8nsmr7vh9y5vy5p/?Lang=Pt>. Acesso Em: 5 Set. 2025.
- [19]. Xavier, A. C. O Papel Do Professor Diante Das Novas Tecnologias De Comunicação. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, V. 9, N. 1, P. 55–75, 2006. Disponível Em: <https://Periodicos.Ufpel.Edu.Br/Index.Php/Rle/Article/View/1690>. Acesso Em: 5 Set. 2025.